

PODER

Troca de farpas expõe STF

Mal-estar causado pela divergência entre Moraes e Mendonça recoloca Corte no centro das críticas, perto do julgamento de Bolsonaro

» DENISE ROTHENBURG

As alfinetadas trocadas pelos ministros André Mendonça e Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal, no 24º Fórum Empresarial Lide, sexta-feira passada, fez com que os mundos jurídico e político voltassem algumas casas atrás no quesito pacificação, nesta semana que precede o julgamento do ex-presidente Jair Bolsonaro no STF. A forma como ambos explicitaram as diferenças que têm não foi considerada a melhor forma de manter a Corte protegida de críticas.

A avaliação interna é de que não é o momento de o STF expor fraturas, mas, sim, de passar união, uma vez que grande parte das decisões de Moraes foi chancelada pelo plenário. O que mais se ouve nos bastidores é que, embora seja preciso distensionar de todos os lados, não se bate, nem indiretamente, num colega que está sob fogo cruzado — pois já bastam os problemas externos.

Essa necessidade de um STF mais coeso foi o que fez com que muitos se sentissem desconfortáveis com as declarações de André Mendonça, que, na manhã de sexta-feira, no evento do Lide, havia defendido a autocontenção. Sem citar nomes, foi incisivo ao dizer que um juiz deve ser respeitado por decisões que sirvam para pacificar e não gerar divergências e confusão. E foi aplaudido de forma efusiva. Moraes, como já se sabe, respondeu que o respeito se dá pela independência da Corte. E que o Judiciário não pode se acovardar, nem ser vassalo de ninguém. Garantiu, ainda, que, apesar das pressões, não mudará de postura.

Antonio Augusto/SCO/STF



Embora sem citarem um ao outro, Moraes e Mendonça se alfinetaram em evento no Rio de Janeiro. Nos bastidores do Supremo, situação foi desaprovada

As trocas de farpas vieram, justamente, num cenário em que atores políticos da ala mais conservadora recorreram a contatos, com o próprio STF, para tentar buscar essa pacificação. Isso não quer dizer que o Supremo deixará de cumprir seu papel: não deixará de condenar quem deve ser condenado, nem de inocentar quem tiver de sê-lo. Isso leva alguns bolsonaristas menos radicais a trabalharem com a certeza de que a política não faz parte da avaliação técnica dos ministros — sobretudo depois que o presidente da Corte, Luís Roberto Barroso, disse, referindo-se à anistia para os golpistas do 8 de Janeiro, que “questões políticas vão ser definidas pelo Congresso”. Muitos entenderam,

a partir dessa afirmação, que, passando o julgamento, caberá ao Congresso entrar em campo e decidir se deve ou não anistiar quem for condenado, inclusive o ex-presidente Jair Bolsonaro.

Nos bastidores, muitos consideraram que Mendonça seria o personagem certo para ajudar no esforço de pacificação, aproveitando os canais que ele tem com os bolsonaristas. Mas as indiretas a Moraes, na sexta-feira passada, levaram muitos a crer que o ministro não pretende usar seu prestígio junto ao ex-presidente e a aliados para servir e bombeiro.

Mendonça foi advogado-geral da União e ministro da Justiça. Não são poucos os que citam, em conversas reservadas, momentos em que, no

governo Bolsonaro, dispensou a autocontenção que cobrou de Moraes ao mandar abrir um inquérito para apurar uma charge de do artista gráfico Aroeira sobre o ex-presidente. No ministério, também cobrou que a Polícia Federal (PF) investigasse quem eram os responsáveis por outdoors com a crítica de que o então presidente valia menos do que “um pequi roído”.

A uma semana do início do julgamento de Bolsonaro na Primeira Turma do STF, quem começa dando uma indicação sobre os dias que virão até 2 de setembro é o ministro Gilmar Mendes, que participa do seminário Brasil Hoje, promovido pelo think-tank Esfera, em São Paulo. Caberá

ao decano da Corte, conforme comentam os políticos, baixar a temperatura e reforçar a independência do STF como um tribunal que não pode se render a pressões da direita ou da esquerda, e que precisa ter serenidade para tomar decisões.

As apostas, porém, são as de que a tensão aumentará. E, na Primeira Turma, os bolsonaristas esperam contar apenas com o ministro Luiz Fux, que já divergiu de Moraes em outra oportunidade — como quando se opôs às restrições impostas ao ex-presidente. Dos demais magistrados que compõe o colegiado — Flávio Dino, Carmen Lúcia e Cristiano Zanin —, a expectativa é de que acompanhem integralmente o voto do relator.

Parentes de Flávio reféns

A mãe e os avós do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) foram feitos reféns, ontem, em um assalto à casa da família, em Resende (RJ). Foi o próprio parlamentar que trouxe a público o episódio, ao expô-lo na conta que mantém no Instagram.

Segundo Flávio, os criminosos usavam arma e abordaram sua mãe exigindo informações sobre dinheiro que teria sido enviado a eles pelo ex-presidente Jair Bolsonaro. “Foi mais de uma hora de terror, com arma na cabeça e boca tampada com fita adesiva. Os marginais chegaram abordando minha mãe, dizendo que sabiam quem ela era e querendo saber onde estava o ‘dinheiro que o Bolsonaro mandava para meus avós’”, relatou o senador, em postagem no Instagram.

Ainda conforme o relato de Flávio, os criminosos reviraram toda a casa e, sem encontrar o suposto dinheiro, levaram anéis e fugiram no carro do seu avô. O parlamentar afirmou já ter tomado as providências cabíveis.

Em nota, a Polícia Civil afirmou que a investigação sobre o episódio está em andamento na 89ª DP (Resende). “Foi realizada perícia de local e os agentes buscam por imagens de câmeras de segurança da região. Outras diligências seguem para identificar e responsabilizar os autores do crime”.

Os deputados Nikolas Ferreira (PL-MG), Gustavo Gayer (PL-GO), Anderson Moraes (PL-RJ) e Allan Lyra (PL-RJ) foram alguns dos parlamentares bolsonaristas que comentaram o caso e se solidarizaram com o senador.

Alisson Demetrio/ Divulgação



Com Caiado e Zema, Tarcísio se disse devedor do ex-presidente pela carreira política que vem construindo

Tarcísio defende ex-presidente

O governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), exaltou Jair Bolsonaro na Festa do Peão de Barretos, na noite de sábado. Com um boneco do ex-presidente nas mãos, afirmou que ele lhe “abriu portas” e, hoje, enfrenta “uma grande injustiça”.

Bolsonaro está em prisão domiciliar, desde o início do mês, por determinação do ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF) — descumpriu determinações impostas pelo magistrado, desde que passou a utilizar tornozeleira eletrônica.

“Entre aqui (pela primeira vez) com o presidente Bolsonaro, com essa pessoa aqui, que fez tudo por mim, que me abriu portas e que está passando por uma grande injustiça”, disse Tarcísio, que recebeu um boneco do ex-presidente das mãos do deputado estadual de São Paulo Lucas Bove (PL). “Mas se a humilhação traz tristeza, o tempo vai trazer justiça e eu tenho certeza que a justiça chegará”, afirmou o governador.

“A vocação do Brasil é ser grande. Ninguém vai segurar este país. Ninguém vai segurar o Brasil e a gente não vai permitir isso”, completou Tarcísio, que estava ao lado dos governadores de Goiás, Ronaldo Caiado (União Brasil), e de Minas, Romeu Zema (Novo) — ambos pré-candidatos à Presidência —, que também aproveitaram o evento para se apresentarem ao público majoritariamente direitista.



Entre aqui (pela primeira vez) com o presidente Bolsonaro, com essa pessoa aqui, que fez tudo por mim, que me abriu portas e que está passando por uma grande injustiça”

Governador Tarcísio de Freitas, defendendo Bolsonaro na festa de Barretos

Em coletiva depois de descer no palco, Tarcísio foi questionado sobre a estratégia eleitoral da direita para 2026. Elogiou Caiado e Zema, a quem chamou de “dois grandes gestores”, e afirmou ter “certeza de que a direita tem excelentes nomes para o Brasil”.

Ao discursar, sem mencionar diretamente o governo Lula, Tarcísio afirmou que não é possível “aceitar e respeitar” quem não gosta do agronegócio. “Quem não respeita o agronegócio não respeita o Brasil”, criticou o governador, sob aplausos da plateia. Tarcísio anunciou, ainda, investimentos em Barretos, como a

ampliação do aeroporto da cidade, que segundo ele terá sua capacidade de mais do que dobrada.

Ataques

O governador paulista é considerado o nome mais forte da direita para tentar evitar a segunda reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Isso porque as pesquisas de opinião o colocam como principal adversário, embora em todos os cenários ele seja derrotado pelo petista.

Porém, Tarcísio — assim como Zema e Caiado, além do governador do Paraná, Ratinho Jr. — encontra feróz resistência justamente dos Bolsonaro. Nos últimos dias, as críticas a todos eles alcançou patamares de mal-estar. O filho 02 do ex-presidente, o vereador carioca Carlos Bolsonaro, chegou a chamá-los de “ratos”. Tarcísio, Zema e Caiado, porém, preferiram amenizar os ataques.

O deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP), que está nos Estados Unidos em campanha contra a economia brasileira a fim de tentar livrar o pai da possível condenação pelo Supremo Tribunal Federal por tramitar um golpe de Estado, também não poupa Tarcísio de ataques. O mais recente pôde ser lido no inquérito da Polícia Federal — cujo conteúdo foi divulgado na semana passada —, em que se sentiu diminuído e xingou o próprio pai, que defendera o governador paulista em uma entrevista.

Lembra como era o trânsito no DF antes dos novos viadutos?



SAIBA MAIS.

Oswaldo Diniz, 30 anos
Morador de Santa Maria

2018

2025

Em 6 anos, 11 novos viadutos beneficiando milhares de pessoas todos os dias.

Antes, o Oswaldo chegava em casa e a comida já estava fria e as suas filhas, dormindo. Hoje, além de ajudar sua esposa a colocar a mesa do jantar, ele ainda tem tempo de brincar com as crianças. As obras do GDF desafogam o trânsito, levam conforto para motoristas e passageiros e geram milhares de empregos. **Este GDF vai lá e faz.**

